



“LUTE” COMO UMA MENINA: a representatividade de gênero nos movimentos de ocupação de IES - públicas - o caso da UEMS de Paranaíba/MS

Daniela Ferreira dos Santos (PGEDU-UEMS)¹

Lucélia Tavares Guimarães (UEMS)²

Introdução

O presente trabalho foi tencionado, pois a instituição a qual cursei graduação e hoje aluna regular do Programa de Mestrado (PGEDU) também fez parte do movimento de ocupação ocorrida nos meses finais do ano de 2016, promovido por estudantes do ensino médio e superior, em diversas escolas e IES, incluindo a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade universitária de Paranaíba, primeira instituição ocupada no estado. Por tamanha grandeza que este movimento de ocupação representa para nossa história contemporânea, senti a necessidade de compartilhar por meio deste trabalho as experiências vividas por uma “ocupante” nos dias em que sucederam a ocupação na UEMS/Paranaíba.

O movimento de ocupação foi um ato/ação organizado por estudantes, inicialmente, do ensino médio em nível nacional em protesto, em primeiro momento, contra a Reforma nacional do Ensino Médio proposto pelo Governo Federal, na qual logo se estendeu ao nível superior, de tal modo que várias instituições públicas de ensino foram ocupadas naquele momento de 2016.

Dentro deste contexto, as manifestações ocorreram com a ocupação de instituições de ensino superior (IES) e escolas de nível médio. As primeiras manifestações ocorreram em São Paulo e se espalharam por todo país, como é de

¹ Aluna Regular do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, vinculada à linha de pesquisa *Currículo, formação docente e diversidade*. Docente da rede pública de ensino do município de Aparecida do Taboado/MS.

² Doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Efetiva da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, nos cursos de graduação em Pedagogia e Ciências Sociais; Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação, na disciplina Política Educacional e, na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, UEMS - Unidade Universitária de Paranaíba, na disciplina Currículo, Diversidade e Cultura.

conhecimento de uma grande parcela da sociedade, haja vista que, essas ocupações foram manchetes nos principais meios de comunicações, como TV, internet, noticiários escritos, revistas entre outros.

Diante de tal cenário nacional, os graduandos dos cursos de Ciências Sociais, Direito e Pedagogia da UEMS/Paranaíba, convocam Assembléia Estudantil realizada no dia 28 de outubro de 2016, no Anfiteatro da própria instituição, e decidiram pela ocupação da Unidade da UEMS/Paranaíba, tendo como pauta protestar contra a aprovação da Proposta de Ementa Constitucional (PEC) 55, proposta pelo Governo Federal. Tal PEC passa a ser mais conhecida como “PEC da morte” - PEC 55 (antiga PEC 241) que prevê cortes em setores importantes para toda população brasileira, como por exemplo, os setores da saúde e educação, fundamentais para a manutenção básica de sobrevivência e desenvolvimento humano e social. A ocupação ocorre no mesmo dia em que a Assembléia estudantil foi realizada, com a articulação do movimento de forma organizada e pacífica, incluindo palestras de conscientização da comunidade discente.

Tais manifestações ou ocupações como queira, é um indicativo claro que a população ou pelo menos uma parcela dela, como a juventude, não aceita mais o descompromisso dos governantes para com os mesmos. Principalmente no que se refere à retirada de direitos adquiridos por meio de tanta luta, como podemos ver no decorrer de nossa história.

A depoente aqui mencionada tem 18 anos, de cor branca, acadêmica do curso de Direito, filha de professora, vinda do interior de São Paulo.

O trabalho não tem por objetivo analisar o relato, somente compartilhar as experiências pela mesma, tendo em vista que tanto para ela, como para todos os envolvidos direta ou indiretamente, os fatos ocorridos terão uma representação e um significado diferente, o que não nos impediria de realizar uma análise a partir do contexto político que o Brasil vivência e inserir o movimento nessa totalidade, no entanto não temos esse objetivo no momento. Pois é nesse sentido de vivências coletivas compartilhadas, que os “homens” ou sujeitos envolvidos em ações, como as ocupações, se tornam “*homem como preocupação*” que nos dizeres de Kosik (1976, p. 91) é a ato de se preocupar com as dimensões feitas no coletivo e não somente consigo em torno de um bem comum, da qual se compreende como parte do *sistema* sofrendo uma *metamorfose* em si Kosik (1976, p. 100) ainda menciona que

[...] O homem existe sempre dentro do sistema, e como sua parte integrante é reduzido a alguns aspectos (funções) ou aparências (unilaterais e reificadas) da sua existência. E ao mesmo tempo, o homem está sempre acima do sistema e – *como homem* – não pode ser reduzido a sistema. A existência do homem concreto se estende no espaço entre a irredutibilidade ao sistema ou a possibilidade de superar o sistema e sua inserção de fato ou funcionamento prático em um sistema (de circunstâncias e relações históricas).

De tal modo que, a representatividade desse movimento é legítima e contribui para tais transformações em todos os sujeitos envolvidos. No intuito de entender a realidade o movimento de ocupação das IES e escolas públicas podem ser entendidos, como uma experiência de tomada de consciência, com relação a essa articulação política e social que desperta indignação e nos leva a organização para a reivindicação de direitos, e uma ruptura com o “sistema” tal como está posto, forçando-nos a uma interação que necessita de uma demanda baseada na solidariedade e desejo de mudança.

Considerando a proporção nacional que tal movimento teve, permite-nos uma reflexão sobre a formação política desses jovens envolvidos nesse fato histórico. Fato este que, com articulação e diálogo, consegue envolver de forma construtiva e respeitosa, a todos os envolvidos nesta luta, em busca de um País mais digno e justo, almejando assim um futuro melhor e com condições iguais a todos.

De tal maneira que, compreender os motivos que levaram à ocorrência dos movimentos de ocupação passe a ser fundamental para que a população desperte da “ignorância” e “alienação”, e que não se perseverem a “cegueira” em que os brasileiros submergiram. Os principais motivos para tais acontecimentos foram as propostas de reformas, conhecidas como “PECs”, propostas pelo Governo Federal, como também a crise econômica, política e social na qual o País encontra-se “afundado”.

A insatisfação popular, com medidas adotadas pelo governo de retirada de direitos adquiridos pelo povo, através de constantes lutas no decorrer de nossa história, faz com que os movimentos de ocupações ocorram dando-nos a clara oportunidade de reflexão política que talvez, em outro momento da história, não teríamos chance de nos deparar.

Por tais motivos, o objetivo deste trabalho é compartilhar as experiências vivenciadas por esta acadêmica, em uma IES pública, levando a reflexão de quão importante este movimento foi para a construção de uma nova história e de sua própria história de vida.

A emancipação feminina e os movimentos de luta

Atualmente diversas pesquisas nos fornecem dados sobre violências contra mulheres. Com base nesses dados é indiscutível negar que todas as mulheres sofreram e ainda sofrem diariamente com as mais diversas violências, seja simbólica, doméstica, moral, psicológica, entre outras, nas diferentes instituições da sociedade - família, trabalho, religião e porque não mencionar os próprios governos, os quais deveriam lhes assegurar o cumprimento dos direitos postos, como mostra a trajetória das mulheres no decorrer da construção de nossa história. Neste sentido as relações de poder são perceptivas a partir dos quadros sociais de poder desenvolvido pelo homem frente às tomadas de decisões políticas, econômicas e sociais. Como explana Saffioti (1987, p.16) “O poder esta concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres.”

Assim, diante de tal afirmação, é mister ter em vista aspectos observados no decorrer da nossa história, na qual mostra as constantes lutas das mulheres frente às relações desiguais com os homens e na busca do reconhecimento da sua importância para a manutenção da sociedade, como também o rompimento com o modelo patriarcal, bandeiras essas defendidas pelos movimentos feministas.

O movimento feminista, historicamente concebido, como movimento social, intensificou-se a partir da publicação de "*O segundo sexo*", em 1949, de Simone de Beauvoir³ e da "*Mística feminina*", em 1963, de Betty Friedan⁴, anos esses em que há uma mudança de comportamento da mulher, haja vista que, essas deixam suas casas e vão para o mercado de trabalho, o que possibilita as mesmas um processo alusivo de emancipação.

A década de 60 surge como um grande divisor de águas, com o advento das pílulas anticoncepcionais que passam a mudar a postura das mulheres em relação ao sexo e seus desejos, as mudanças das conjunturas sociais e as mudanças de comportamento das mulheres, que se organizam em movimentos e saem às ruas reivindicando direitos antes lhes negados, como igualdade de salário, proteção contra violências e direito a participação política, serviram como quebra de antigos paradigmas sociais.

³BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

⁴**Título original americano:** THE FEMININE MYSTIQUE, 1963 by Betty Friedan. Tradução de ÁUREA B. WEISSENBERG. 1971 da tradução portuguesa by Editora Vozes Limitada. Rua Frei Luís, 100. Petrópolis, RJ - Brasil

Essas questões que ganharam força nos movimentos de lutas das mulheres, passam a ser discutidas também pelos intelectuais, principalmente após a publicação do livro de Friedan (1963).

O maior expoente dessa luta ocorre na segunda metade do século XX conhecido como Movimento Feminista, nos Estados Unidos com a expansão das indústrias e o aumento do consumo por parte das mulheres, “alvos” das empresas de marketing, que primeiro impulsionam as mulheres ao mercado de trabalho e depois apenas para o consumo excessivo, como discorre Weissenberg (1971, p. 8-9)

Habilmente os donos do poder econômico convencem-na a voltar em massa para casa. Nas décadas anteriores tinha havido um movimento de libertação feminino que abriu às mulheres as portas da participação social e econômica na construção da Grande Sociedade. Agora, por necessidades também econômicas, mas não mais das próprias mulheres ou da sociedade e sim da grande indústria, eis que a sua atuação fora de casa é desvalorizada e «revalorizada» ao máximo a sua feminilidade, a sua maternidade, como se participar na construção da sociedade fosse incompatível com a sua condição de mulher. Embora aparentemente correta à suposição, no fundo o que queria a grande indústria era que, mantida isolada, sem participação ativa, a mulher dedicasse mais atenção ao consumo. E foi justamente o que aconteceu, até que Friedan desse o grito de alarma e em torno deste seu livro se tivesse erguido o mais surpreendente movimento feminista de todos os tempos.

Seguindo o modelo americano o Brasil mantém a mesma postura em relação às mulheres, atraindo a atenção do mundo para a situação da condição e da força de trabalho das mulheres, criando teorias sobre a sexualidade feminina, sobre as condições de vida, sobre a participação destas na política, entre outros assuntos

Neste cenário social, o movimento feminista eclodiu no Brasil na década de 1960, levando várias manifestações feministas a ruas, década esta em que ocorre a decretação pela ONU, do Ano Internacional da Mulher, com a propositura de temas referentes ao trabalho, direitos civis, violência, sexualidade, entre outros. A família, não era objeto de extrema preocupação para o movimento feminista, mas de maneira indireta através da violência sofrida pela mulher no seio da família, sua condição de trabalhadora do lar, sua condição desigual com relação ao homem, faziam da família assunto de críticas. Os alvos do movimento feminista eram sim as críticas ao Estado, as empresas, a educação, a falta de igualdade de gênero nas relações sociais. O que marca o movimento feminista é o total repúdio ao modelo da prevalência da visão egocêntrica do homem de conceber os conceitos, de prevalecer sua ótica sobre qualquer outro ponto de vista.

Na opinião de Saffioti (2004) todo este contexto se trata de um problema social, cuja suas origens estão arraigadas na dominação/exploração imposta pela hierarquia masculina no que tange o papel do homem frente às decisões do campo político e econômico. Assim a autora considera

imprescindível, para a liberação das mulheres, uma profunda mudança de todas as estruturas das quais elas participam, e uma “*unité de rupture*” (p.30), ou seja, a descoberta, pelo movimento revolucionário, do elo mais fraco na combinação. (SAFFIOTI, 2004, p. 96).

De tal modo, os movimentos feministas possibilitaram avanços e conquistas de direitos frente à dominação masculina e permitiu á mulher uma nova condição diante às questões sociais antes relegadas somente aos homens. Considerando que por meio da emancipação feminina, antes então visto como o “elo mais fraco” como afirma Saffioti (2004), é possível uma libertação intelectual, política e econômica das mulheres, que se mostram cada vez mais resistente na luta em busca dos ideais a qual sempre defenderam. E a Universidade, instituição fomentadora de debates críticos, mesmo sendo androcentrica, tem contribuindo de maneira cada vez mais ampla no que se refere às produções acadêmicas a acerca das questões de gênero, raça, sexualidade e a atuação das mulheres no cenário político, econômico e social, lugar este, antes pertencente a homens.

Por este motivo é preciso considerar que o movimento de ocupação da IES/UEMS, foi um movimento de luta no qual os envolvidos e neste caso ressalto que as mulheres assumiram importante papel de liderança, nas tomadas de decisões, quanto à organização das atividades desenvolvidas nos dias em se mantiveram “ocupadas”, na negociação com gestores da instituição, entre outras atividades que sucederam no decorrer da ocupação. A propósito vale ressaltar que, os homens do movimento de ocupação compartilhavam ideias com as mulheres em prol a luta pelos direitos os quais estavam ali defendendo.

Ao passo que a atuação feminina dentro do movimento de ocupação da IES/UEMS ainda ecoa no cotidiano daquelas mulheres que participaram ativamente desta ação, considerando a nova postura assumida pelas mesmas, no que refere-se a seu posicionamento político e ideológico na tomada de decisões, nos mais diversos contextos acadêmicos e sociais.

#Ocupauems – o relato da luta de uma menina

É fundamental compreender a participação dos *Movimentos Sociais* na construção do desenvolvimento social e político no Brasil e no mundo, contribuindo e colaborando para a construção da democracia, e na conquista de direitos civis, sociais, políticos sempre tendo em vista o bem comum a todos.

Ainda é importante destacar que os movimentos sociais históricos são construídos por classes de minorias como os negros, homossexuais e mulheres.

Como percebe – se nos dizeres de Sardenberg (2015, p. 57-58)

Por muito tempo, predominou no pensamento social uma noção estática de classes sociais, retratando-as como coletividades homogêneas, determinadas apenas pelo lugar ocupado no processo de produção. Nessa perspectiva, membros de uma determinada classe partilhavam dos mesmos interesses inerentes às contradições de classe, o que lhes imprimiria, automaticamente, uma dada identidade, tomada então como fator primordial na constituição de sujeitos políticos. Desde meados dos anos 1960, contudo, essa concepção de classe tem sofrido severas críticas e reformulações. De um lado, considerações quanto à importância do *agency* na construção da consciência de classe, no sentido de que a consciência de classe se forja na luta de classes [...] (THOMPSON, 1980) e, de outro, a emergência de movimentos sociais fundamentados em outras bases – movimento feminista, movimento negro, movimento gay, dentre outros – tem revelado as limitações “[...] dos grandes esquemas explicativos e sua ênfase nas determinações macroestruturais como única fonte explicativa das lutas sociais” (KOWARICK, 1988, p.6). Mais especificamente, a entrada de mulheres, negros, gays, lésbicas, aposentados e moradores das periferias das grandes cidades no cenário político, reclamando espaço e o devido reconhecimento de suas especificidades e direitos, não apenas mostrou a relevância de outros fatores constituintes de sujeitos políticos.

Nesta perspectiva o movimento de ocupação #ocupauems vem de encontro com os dizeres de Sardenberg (2015, p. 58) sobre a “*classe multifacetada*”, ou seja, a união de diversos indivíduos com classe sociais distintas, condição de gênero da mesma forma, formação políticas diversas interseccionalizadas em prol do bem comum como veremos no relato que se segue. Para melhor compreensão do depoimento que se segue, o mesmo será dividido em categorias como ruptura, resistência, emancipação na qual demonstra a clara desconstrução e a nova construção da identidade da acadêmica ouvida.

Apresentação da acadêmica e início da luta

“Sou tenho 18 anos, venho de São Paulo. Sou acadêmica do curso de Direito de Paranaíba. Eu sempre tive meus ideais bem a florados digamos, sempre me interessei

pelos movimentos sociais, pelas lutas em prol a sociedade. E dê do ensino médio me interesse por esses assuntos e isso depois que cheguei na se universidade se intensificou. Nós temos os movimentos tantos estudantis como sociais, ainda temos os coletivos negros e da diversidade e isso foi muito importante pra mim, pois eu comecei a participar desses movimentos, uma vez que vinda de uma cidade do interior você não tem esses tipos de coisas então aqui (uems) tive essa possibilidade.

Então eu, mais os alunos de todos os cursos resolvemos convocar uma assembléia no dia 28 de outubro, uma Assembléia Estudantil para falar sobre a PEC 241/55 e resolver qual seria a posição tomada pelos alunos da UEMS/Paranaíba, uma vez que o país inteiro estava se levantando contra isso com resposta á ocupações, enfim várias formas de protesto no país e nós não podíamos ficar parados. Após isso foi votada pela ocupação dia 28, 10:30 da noite, naquele momento eu falei, poxa que bacana a gente ta fazendo parte de algo tão maior que eu não posso ficar parada e não estar no meio disso daqui, eu estava desde o início da primeira reunião com o pessoal.

Determinação e garra

Desde a primeira noite nós nos reunimos para montar as comissões de limpeza, alimentação, monitoria, de comunicação e de recursos para buscar doações e da segurança, pois teríamos rechações no sábado, pelas pessoas que são contras até mesmo de estudantes da UEMS e da sociedade em si, por isso tínhamos que ficar velando pelas pessoas. Até mesmo porque no sábado alguns alunos queriam ter aula, foi tenso, foi muito difícil, rolou muito xingamento, conversei com o pessoal da ocupação naquela noite e nos dias que seguiam quanto ódio do pessoal, depois isso as coisas foram se estruturando melhor. Nos outros dias foram chegando outras pessoas, várias doações de alimentos de professores de alunos, que estavam junto com a gente, nos dias depois as coisas foram se encaixando e eu ficava pensando mesmo com tanta tensão e pressão psicológica aquilo dava dando certo, se encaixando e por incrível que pareça se encaixou muito bem.

A gente estava vivendo aqui, aqui era nossa casa, a gente cuidava, limpava, regava a plantinha, e eu pensava que incrível que coletividade toda, e a palavra que resume toda essa resposta é o coletivo, e como a Viviane fala que é uma colega de ocupação o ser humano é feito pra se viver assim dividindo trabalhando junto e a gente não está acostumado com isso, a coletividade é incrível e todo movimento foi pautado nisso.

No domingo pela manhã nos organizamos para pensar em quais atividades faríamos, tanto pro pessoal interno como externo pra comunidade principalmente pros alunos secundaristas. Então dividimos em uns 5 GTs (grupos de trabalhos) foi ótimo pra integração também, tínhamos roda de conversas, oficinas, atividades culturais, até aulão pros alunos secundaristas, até porque o Enem seria realizado por aqueles dias e no fim da tarde surgiram tantas, tantas idéias que teríamos atividades por uns três meses, porque todo mundo se empenhou muito em procurar alguém, eu dizia eu conheço um professor disso, um professor daquilo, pintura, dança, maquiagem, artesanato, tiveram os meninos que deram aula de sociologia, geografia, história e filosofia, o que você tinha de melhor você passava, o que tinha de conhecimento ensinava...

Conflito e ruptura: “a desconstrução”

Então sou aluna do direito faço e também faço parte do Centro Acadêmico é complicado também porque no momento que foi resolvido pela ocupação houve muitas opiniões diferentes, muita gente inflamou os ânimos, muita gente perdeu a razão foram muitas informações ao mesmo tempo, e o C.A como um órgão representativo de um curso precisava se posicionar, e como eu disse já estavam aqui e fiquei por aqui uma vez que os outros cursos já haviam se manifestado favorável por ocupar e o direito tinha muita diferença a serem tratadas, então a única opção que nós tivemos, pois tinha que ser rápido, porque todo mundo queria uma posição por ser um órgão representativo a única coisa que a gente pensou foi que confiaríamos nos representantes para que exercessem sua função para nos relatar qual a opinião de sua sala se sim ou não e na segunda a noite a noite o Centro Acadêmico se posicionou contra uma vez que a maioria dos estudantes do direito tinham decidido que iriam contra, mas por uma diferença mínima de votos. Então o Centro Acadêmico órgão tinha que tomar esse posicionamento contra, até porque ele tinha que representar o curso da qual ele faz parte. Então nesse momento o C.A órgão tinha que tomar uma posição, eu Sara como super engajada nessa questão que foi a ocupação, claro que eu queria que algo que eu faço parte não fosse contra, a gente tem essa questão, mas a gente tem que ter a racionalidade, a gente tem essas questões dentro da gente, claro que eu fiquei chateada, tudo foi acontecendo de uma maneira muito ruim eu acredito que muita coisa estava aflorada e muita coisa foi dita, então estava ficando difícil pra mim, eu precisava me afastar desse órgão e me concentrar na ocupação e reunir minha forças e meu psicológico muito maior que estava acontecendo e no momento foi a única opção que eu encontrei, foi sair, pois naquele momento o que me representava era onde eu estava, era o movimento de ocupação, foi um momento de grande emoção, mas eu tenho a plena consciência que momento era a coisa certa a fazer. Eu conversei com o Gabriel um grande amigo meu, temos uma relação de irmandade, e ele disse- fica nós precisamos de você aí, a gente precisa das suas ideias, Sara a gente precisa de todo mundo que está lá dentro inclusive de você, e continua tendo sua voz ouvida, então eu fico, então eu mudei de ideia, as pessoas acham isso errado, mas eu precisava continuar com essa filosofia como Mulher, Estudante de um curso de direito e continuando defendendo as minhas ideias mesmo fora do Centro Acadêmico eu acredito que estava representando uma parcela de pessoas que partilham das mesmas idéias, achei importante eu ficar.

Resistência e a tomada de consciência

Ser reconhecida como mulher, como segundo sexo é um momento muito importante na vida de uma mulher, independente se é Sis ou Trans, se reconhecer como esse indivíduo que sempre é colocado em segundo lugar, segundo sexo te faz romper com algumas amarras eu diria desconstruir algumas coisas necessárias, porém como eu falo sempre até a pessoa que tenta se desconstruir todos os dias ela erra, porque ninguém é perfeito até mesmo a mulher vai reproduzir o machismo como o homem vai ser machista mesmo ele tentando se desconstruir todos os dias, então quando você reconhece essas questões você passa a mudar, e quando você se identifica com um movimento feminista, ou com o movimento LGBT então nesse momento de percepção você cria seu ideal e você passa a dizer eu não vou me colocar nessa posição, não vou aceitar então você está pronto pra luta independente de como você luta. E tiveram muitas meninas, mulheres na ocupação e isso foi incrível é acho não sei, não sou boa

em números, mas a maioria era mulheres e com certeza a representatividade das mulheres na ocupação foi tremenda, tanto na questão organizacional e de segurança a participação das mulheres e o que a gente falava o tempo todo na ocupação não deixa a mulher só na cozinha e nem os homens só na segurança, então a gente lutava contra essa ideia toda hora a gente tava ali pra romper com esses preconceitos, então foi muito grande a representatividade feminina, também pelas meninas que vieram da capital que são de movimentos sociais que são negras e que estão pensando sobre isso a mais tempo talvez do que eu é muito interessante você aprende muito com essas pessoas. E na universidade você tem acesso a tantas coisas, tantos conhecimentos se relacionam com diversas pessoas aí você passa a ter noção dessa condição como eu já disse.

EMANCIPAÇÃO: “UMA NOVA IDENTIDADE”

Quanto à ocupação, mesmo que ela acabou a gente conversa sobre ela, pois o que nos uniu foi aquela ocupação com diversos amigos de diversos cursos, e conversando a gente pensa nossa eu não vi um carinha sendo machista, eu via um esforço mesmo que o homem esteja na condição de superioridade dele, eu vi um esforço muito grande deles em quebrar as ideias pré concebidas, em ambos os quesitos eu via naquela ocupação a vontade de quebrar essas ideias pré concebidas porque até sem querer a gente tem uma distância entre os cursos, a gente não sabe o que outro estuda então mesmo que subconscientemente a gente tentava quebrar essas amarras e a gente conseguiu destruir estraçalhar algumas delas, foi incrível pro crescimento pessoal de todo mundo que estava lá dentro.

Eu acredito que cada pessoa, que cada ser humano é um pouco melhor depois da ocupação. Após a ocupação o que eu sinto é adulta, me deu uma maturidade muito grande, pois na ocupação a cada cinco minutos eu estava aprendendo uma coisa diferente, eu aprendi tanta coisa, tanta coisa que eu digo eu sou um ser humano muito melhor depois disso, porque além de tudo isso, todo esse conhecimento, tem os sentimentos, o poder sentir o outro que está ali do seu lado, pois criou – se uma amizade uma apego que toda semana a gente precisa se ver, porque não tem como você se esquecer das pessoas que estavam ali com você, foram tantas coisas, sentimentos, acontecimentos e medo e orgulho é impossível não criar amizade, amor por aquelas pessoas, empatia, empatia é uma palavra muito importante que devemos citar sobre essa ocupação, somos melhores e com muito mais amigos”.

Considerações finais

Considerando a proposta indicada para o trabalho, em compartilhar o relato da depoente do curso de Direito sobre o movimento de ocupação, acredito que o objetivo inicial foi alcançado, pois a partir das contribuições teóricas de Kosik (1976) “sobre o homem como preocupação, e sua tomada de consciência sobre seu papel no sistema da qual é regido por leis, e sua atuação em a busca pelo bem comum”, ficam claros no relato apresentado, haja vista que, a depoente menciona a importância da sua atuação de liderança frente ao movimento, bem como a tomada de decisões nos dias de ocupação, e

ainda seu rompimento com um órgão representativo C.A (Centro Acadêmico) a qual fazia parte até aquele momento. Sua tomada consciência acerca da amplitude do ato daquela manifestação, se forjou na luta do movimento a qual fazia parte e segundo ela foi fundamental para a construção de uma nova identidade, ou seja, uma nova postura pessoal, política e social após a ocupação. Como também as questões de interseccionalidades em que se relacionam raça, gênero, classe propostas por Sardenberg (2015) nas relações com os movimentos sociais quanto transformações de realidade e de crescimento pessoal, e de empoderamento a experiência vivenciada pela depoente e pelos demais ocupantes do movimento #ocupauems, colabora para emancipação e a construção de uma nova história da instituição, quanto de todos aqueles que direta ou indiretamente se encontram envolvidos neste ato de luta que talvez possa nunca mais voltar a ocorrer, ou esta pode ser apenas uma sementinha plantada para as novas gerações. O fato é que este episódio já está escrito na página da vida de todos, alunos, instituição, comunidade paranaibense e demais segmentos. Este trabalho é parte de um projeto da qual pretendo ampliar para ouvir outras mulheres que fizeram parte do movimento de ocupação #ocupauems, pois futuramente resultarão novos dados que poderão ser utilizados em pesquisas futuras.

Referências

- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 1926. tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- SAFFIOTI, Heleieth, Iara Bongiovani. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente)
- SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social”. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992
- SARDENBERG, Cecília M. B. Caleidoscópios de gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Dossiê – Desigualdade e Interseccionalidade*. Mediações. Londrina. v. 20, n.2, p. 56-96, jul./dez. 2015.
- Título original americano:** THE FEMININE MYSTIQUE, 1963 by Betty Friedan. Tradução de ÁUREA B. WEISSENBERG. 1971 da tradução portuguesa by Editora Vozes Limitada. Rua Frei Luís, 100. Petrópolis, RJ - Brasil